

CAPÍTULO V

SUPERPOSIÇÃO NOS SISTEMAS GALÁCTICOS

Estamos nos voltando agora para os fenômenos macroscópicos da superposição orgonótica. A ponte entre o domínio microcósmico e bioenergético e o macrocosmo está no bem conhecido princípio do "potencial orgonômico". Esta função básica é suficiente para explicar o crescimento dos sistemas orgonóticos microcósMICOS em sistemas orgonóticos macrocósMICOS. A primeira superposição de duas unidades de energia orgone perturba necessariamente o equilíbrio da igualdade da distribuição da energia cósmica por meio da formação de um primeiro sistema de energia "mais forte". Este primeiro sistema mais forte, a partir de então, atrai outras unidades mais fracas, e, deste modo, cresce. Não há basicamente nenhum limite para o crescimento de um sistema orgonótico exceto pela solidificação ou congelamento da energia em massa inerte. Este mesmo princípio também é válido para os sistemas orgonóticos vivos. A solidificação do sistema ósseo demonstra claramente a limitação do crescimento infinito nos metazoários. De modo semelhante, pode ser presumido que a formação de um cerne, solidificando-se num sistema macrocósMICO, deve impedir seu posterior crescimento.

No entanto, por mais obscuras que sejam as funções detalhadas desse crescimento, a pesquisa astrofísica clássica já demonstrou claramente, mesmo sem saber, que a criação de certos sistemas galácticos é devido à superposição de duas correntes de energia orgone cósmica. A maioria das "galáxias em espiral" mostram dois ou mais braços que se unem na direção do cerne do sistema total.

A fotografia seguinte de uma nebulosa espiralada foi tirada no Observatório de Monte Wilson, em 10 e 11 de Março de 1910, com um telescópio refletor de 60 polegadas (exposição 7hs e 30'). A nebulosa é denominada G9-M 101, NGC 5457 (cf. fig. 26).

Quatro braços são, no mínimo, claramente discerníveis, e possivelmente cinco ou seis braços constituem o sistema total. Não pode haver nenhuma dúvida razoável quanto ao movimento espiralado retratado na fotografia. É um impressionante retrato de SUPERPOSIÇÃO CÓSMICA de mais de duas correntes de energia orgone cósmica. No centro, vemos a forma aproximadamente circular do futuro cerne onde ocorre a fusão das várias correntes. Este é o crescente cerne inicial semelhante a um disco do sistema galáctico.

Tem havido várias opiniões na literatura astrofísica com respeito a se os braços das nebulosas espiraladas indicam uma unificação ou uma dissipação dos sistemas galácticos. Pelo menos um astrô

Fig.26. Messier 101,nebulosa espiralada
(fotografia do Monte Wilson)

nome, Harlow Shapley, da Universidade de Harvard, manifestou a crença de que as nebulosas em espiral com seus braços indicam o estágio inicial de uma galáxia em crescimento.¹ A existência da energia orgone¹ compele a apoiar e a qualificar este ponto de vista. Ele torna muitas características do quadro total da nebulosa espiralada compreensíveis:

1. A inequívoca expressão do movimento espiralado.
2. A rotação do sistema total.
3. A superposição e fusão de duas ou mais correntes de energia cósmica.
4. A solidificação inicial de um cerne mais denso.
5. O nascimento de um centro gravitacional da estrutura total.
6. O invólucro de energia orgone de tantos corpos celestes, o qual gira mais rápido do que o cerne material.

1.: "A possibilidade que os produtos finais de espirais como a nossa possam ser galáxias esferoidais parece digno de nota. Ela é proposta somente como uma hipótese de trabalho. Nesse plano, a tendência evolucionária entre as galáxias seria do tipo magalânico para a espiral mais aberta ...; e daí, por meio de outras formas espiraladas ... para os sistemas elípticos e esféricos. Recentemente descobrimos que os

7. A diferenciação entre "cerne" sólido e a "periferia" com um "campo" energético do sistema orgonótico celeste.

Naturalmente, incontáveis problemas permanecem sem solução. No entanto, como uma forma de trabalho para uma pesquisa futura minuciosa da hipótese orgonômica parece mais promissor e merece ser testado pela observação e pela medição.

Como um modelo adequado às nossas tarefas futuras, a suposição seguinte com relação aos estágios no desenvolvimento dos sistemas com estrelas fixas parece necessário.

Primeira fase: Correntes móveis de energia orgone cósmica, ainda sem forma, sem estrutura, com pouca ou nenhuma diferença efetiva nos potenciais de densidade, a galáxia "irregular" (cf. fig. 27).

Segunda Fase: Aproximação mútua de duas ou mais dessas correntes de energia orgone cósmica, seguida pela superposição e formação de uma nebulosa espiralada com dois ou mais braços (cf. fig. 26).

Terceira fase: Incorporação e fusão no centro espiralado seguido pela concentração e microsuperposição com o objetivo de criação de matéria e um cerne endurecendo-se progressivamente, ou núcleo.

Quarta fase: Formação de uma galáxia em forma de disco ou esferoidal; diminuição progressiva do movimento total; desaparecimento dos braços da forma espiral, como está bem representada pela Galáxia Espiral NGC 4565 e pela NGC 891 em Andrômeda (fotografia do Observatório Monte Wilson, cf. fig. 28).

Nosso próprio sistema galáctico, manifestado na "Via-Láctea", ainda mostra claramente a forma espiral com dois braços.

Quinta fase: Formação de um conjunto globular que consiste nas estrelas individuais já claramente diferenciadas, mais densas em direção ao centro do conjunto total (cf. fig. 29).

Este é o limite natural de nossa investigação. Ele é, contudo, essencial para permitir que as mesmas funções que comandam a formação dos sistemas galácticos também comandem a formação de estrelas isoladas no interior das galáxias e planetas isolados em torno de uma estrela fixa. O anel de Saturno parece demonstrar sua origem a partir de uma concentração em forma de disco de energia orgone.

A forma básica da superposição cósmica, galáctica, é a mesma forma básica da superposição orgonômica e microorgonótica (cf. fig. 30).

... 1. ... braços espiralados aparecem mais como condensações em grandes campos estelares do que como ejeções de um núcleo central... A direção do desenvolvimento geralmente adotada, da esferoidal compacta para a espiral aberta, implica o aparecimento de estrelas supergigantes e de conjuntos estelares no fim da história de uma galáxia - parece-me um procedimento improvável" (Galaxies, Blakiston, Co., 1943, pp. 216 e ss.).

Fig. 27. Galáxia "Irregular" (Fotografia do Monte Wilson)

Fig.28. NGC 891, Andrômeda, nebulosa espiral nas bordas
(Fotografia do Monte Wilson)

Fig.29. Messier 13, "Grande Conjunto Hércules"
(Fotografia do Monte Wilson)

Fig.30. Superposição cósmica de duas correntes de energia orgone.

A função da superposição cósmica é mais claramente visível nas ilustrações seguintes:

Na forma espiral NGC 1042 (cf. fig.31):

Fig.31. Desenho a partir da Fig.32 mostrando a direção do fluxo de duas correntes de energia orgone.

Fig.32. Análise microcondensadora de uma forma espiral realizada por Miss F.S.Patterson, trabalhando numa fotografia feita em Oak Ridge, de acordo com Galáxias de Shapley

Neste caso, as duas correntes orgone cósmicas parecem estar se aproximando uma da outra a partir de regiões do espaço quase exatamente opostas.

Na forma espiral NGC 1566 (cf.fig.33):

Neste caso, o ângulo de aproximação é 180° menos aproximadamente $23^\circ - 25^\circ$.

Na forma espiral G 10 (cf. fig. 35):

Fig. 35. Messier 81, forma espiral G 10 (fotografia do Monte Wilson)

Neste caso, a aproximação é de quase exatamente a partir de direções opostas num modo paralelo (ângulo de aproximação, 180°)

Fig.33.NGC 1566,uma galáxia espiral meridional, fotografada com o refletor meridional de Harvard

Fig.34.Desenho a partir da fig.33,mostrando a direção do fluxo das duas correntes de energia orgone.

Fig. 36. Desenho a partir da fig.35 mostrando a direção do fluxo de duas correntes de energia orgone.

Esses exemplos são, no momento, suficiente para demonstrar a elevada probabilidade da hipótese de trabalho orgonômica com relação à criação das formas nebulares espirais a partir da superposição de duas ou mais correntes de energia orgone cósmica. Assim, não matéria, partículas ou poeira, mas a energia orgone primordial constituiria a "coisa" original de onde as galáxias são feitas. É claro que esta hipótese tende a competir com a teoria atômica, que coloca as partículas materiais em forma de "poeira cósmica" como a raiz da criação cósmica. A hipótese orgonômica e energética exige que a matéria emergja da energia orgone por meio da superposição no domínio microcósmico do mesmo modo que galáxias inteiras emergem por meio da superposição no domínio macrocósmico.

CAPÍTULO VI

O Anel da Aurora Boreal

R-76

Desde que a energia orgone foi descoberta na atmosfera em 1940, tornou-se crescentemente imperativo encontrar as ligações concretas que unem a energia orgone dentro do organismo vivo (bioenergia) e a energia orgone (cósmica) fora do organismo vivo. Muito antes da descoberta da energia orgone atmosférica, as auroras boreais tinham sido um importante objeto de investigação na pesquisa orgonômica. A partir de 1940, essa pesquisa adquiriu, contudo, uma estrutura sistemática de pensamento e, assim, uma direção clara. Os fatos e suas posições seguintes são as linhas condutoras:

1. A existência inquestionável de uma energia orgone orgânica específica logicamente força a postulação de sua origem fora do organismo vivo, em algum lugar na natureza. Admitiu-se que a energia orgone se desenvolve a partir da matéria, como nos íons. Este fato estava correto mas muito longe de estar completo. A existência de um oceano de energia orgone livre de massa que preenche o universo era desconhecido então. No entanto, era perfeitamente claro que a bioenergia específica no interior do organismo deve ser derivada de uma energia idêntica fora do organismo. Como pôde a bioenergia ter entrado possivelmente de outro modo nos sistemas vivos em primeiro lugar?

2. Em 1939, foi estabelecido que a energia orgone possuía a capacidade de luminação autógena. A cor específica da energia orgone em seu estado natural já tinha sido estabelecida como azul, verde azulado ou cinza azulado.

3. Pulsação, vista nos órgãos e células vivas, era uma terceira característica importante da energia orgone.

4. A técnica de pensamento funcional (cf. Ether, God and Devil) estava, então, longe de seu estado atual de desenvolvimento. A atenção já estava, no entanto, dirigida para o emparelhamento das funções naturais e para a busca de um princípio comum de funcionamento (PFC).

5. Estava claro que a astrofísica clássica tinha falhado na compreensão do fenômeno da luminação aurora. A palavra "ionização da atmosfera superior" não dizia muito, pois de onde as "partículas" vinham? E como era possível que íons alcançassem a Terra a partir do Sol numa extensão de cerca de noventa a cem milhões de milhas?

As primeiras observações específicas da aurora boreal foram feitas na Noruega durante os anos de 1937-1939 com pouca compreensão do fenômeno. Foi somente em 1940, em Forest Hills, Nova York, que as observações ganharam uma direção sistemática. A conclusão básica derivada de muitos anos de observação foi a seguinte: a aurora boreal,

ou "luzes setentrionais", é o efeito da luminação orgonótica nas camadas mais externas do envoltório de energia orgone da Terra.

Descrevamos primeiro a luminação da aurora em sua relação com as funções básicas da energia orgone, que se tornaram crescentemente bem conhecidas a partir do verão de 1940:

A cor da aurora boreal é geralmente um azul intenso ou cinza azulado para verde azulado. Sabemos que esta cor é específica para a maioria dos fenômenos da energia orgone. Ela pode ser facilmente observada no microscópio nos protozoários, nas células cancerosas, nos bíons de todos os tipos, e na constituição das células vermelhas do sangue. O céu é azul. A luminação nos tubos a vácuo carregados aparece azul ao olho e azul nos filmes coloridos. Na sala orgone metalizada, a luminação apresenta-se cinza azulado a princípio, depois crescentemente azul até violeta intenso. O brilho pálido do vaga-lume é verde azulado. A "neblina" num dia ensolarado na frente das cadeias de montanhas é azul. Azuis são as manchas solares e os planos vales da Lua. Um furacão pessoalmente observado pelo escritor em 1944 era de um profundo preto azulado. Essa enumeração é bastante no momento.

O movimento semelhante à corrente da aurora boreal é de natureza vagarosa, ondulatória, ocasionalmente pulsátil e semelhante a ondas. Expansão e contração vagarosas, bem como protusões de movimentos rápidos, como no protoplasma da ameba, são características da aurora. Este movimento é do mesmo tipo do que pode ser obtido em tubos de argônio altamente carregados de orgone, por meio da excitação, por um campo móvel de energia orgone derivado do corpo ou do cabelo. Ademais, os mesmos movimentos da aurora têm uma expressão de empurrar e de buscar. Isto, naturalmente, não significa que esses fenômenos sejam expressão de vida. Significa apenas que os mesmos constituintes de energia, dos movimentos bioenergéticos de empurrar e buscar estão também presentes no domínio não-vivo da natureza. É necessário mencionar este fato auto-evidente, pois há, especialmente entre os psicanalistas com incorreta consciência acerca da orgonomia, forte tendência a depreciar a orgonomia, com observações como as seguintes: "mística" ou "vendo luzes azuis e fantasmas". Todo observador é profundamente impressionado pela beleza e pelo impacto emocional da aurora flamejante. Experimentá-la nas noites silenciosas é sempre excitante, bastante diferente da observação de um mostrador de rádio cintilante (cf. fig.38).

Cor, movimento e a rica expressão emocional das luzes setentrionais fundindo-se numa única quando elas se expandiram em quase todo o céu. O processo é, em média, este:

A luminação da aurora geralmente começa no horizonte setentrional, às vezes diretamente no horizonte, outras vezes numa região cerca de 20 a 30° acima do horizonte. No último caso, frequente-

mente um arco mais ou menos regular, côncavo em direção à superfície da Terra e claramente definido, separa a aurora da parte setentrional do horizonte. É até agora inteiramente desconhecido qual é o papel desempenhado pelo Pólo Norte na emergência típica da aurora no norte. Se as imensas reservas de ferro nas vizinhanças do Pólo Norte têm ou não algo a ver com ela seria difícil determinar. Essa suposição está baseada na observação isolada da forte luminescência azulada do Pólo Norte de um forte magneto mantido próximo à parede metálica de uma sala de energia orgone.

A luminação da aurora geralmente permanece baixa acima do horizonte setentrional sem se estender mais além. No entanto, em muitas ocasiões a excitação orgonótica na atmosfera superior dirige a luminação para altitudes mais elevadas. Se isto dura muito tempo, a luminação tenderá, na forma de correntes pulsáteis, alcançar a região do zênite do observador, que é quase exatamente 45° de declinação setentrional, de acordo com o sistema de coordenadas equatoriais em Orgonon, próximo a Rangeley, Maine (1.800 pés acima do nível do mar).

Estamos nos aproximando agora do ponto crucial na apresentação da aurora boreal: "R-76".

Ao descrever a aurora boreal, a Encyclopaedia Britannica (1940) menciona este fenômeno básico em apenas algumas palavras:

"Mais ao Norte, a direção da bússola de inclinação se aproxima do zênite do observador e o efeito da coroa (corona effect) é visto com os raios se espalhando em todas as direções a partir desse anel central de luz, atingindo até o horizonte". (Grifo meu-W.R)

Este "anel central de luz" na região do zênite constitui nosso ponto de partida para segredos profundos da energia orgone no Universo. Observação cuidadosa do "anel" da aurora impele o observador a se concentrar avidamente neste fenômeno.

Primeiro: Os raios da aurora não emanam do centro do anel para o horizonte. É na direção oposta. Quando a aurora, vindo geralmente do Norte, dura bastante, ela alcança com seus dedos pulsáteis em direção à região do zênite do observador, que, em Orgonon, é quase exatamente 45° de declinação setentrional. Pelo que sei, não foi feita até agora nenhuma tentativa quer para definir a localização exata do anel da aurora quer para compreender este fenômeno básico.

Segundo: O "anel" ("ring") (R-76) aparece somente sob certas circunstâncias bem definidas. A luminação da aurora deve ser forte e ter uma qualidade pulsátil e impulsionadora. Ela deve impulsionar para cima a fim de atingir a região do zênite. Ela deve, além disso, ultrapassar o zênite em alguns graus. Então, e somente então, a parte meridional do céu, também, começará a se luminar e a pulsar. Isto foi observado pela primeira vez em 18 de Setembro de 1941, em

Forest Hills, Nova York, e foi posteriormente confirmado em muitas ocasiões (cf. tabela dos eventos das auroras). A luminação meridional geralmente se desenvolve primeiro na vizinhança do zênite, contudo apesar do fato de que mais tarde se estende mais para o Sul, os movimentos de empurrar e de alcançar são na direção do zênite e não para longe dele.

Terceiro: A luminação da aurora setentrional regularmente induz luminação na parte meridional, e

Quarto: As luminações setentrionais e meridionais são dirigidas uma contra a outra ou uma em direção à outra. Elas se encontram numa mancha aparentemente verdadeira vários graus ao Sul do zênite do observador, a 45° de declinação setentrional na longitude do Maine.

Fig. 38. Luzes setentrionais observadas a partir de Orgonon, Rangeley, Maine, 5 de Setembro de 1950.

Quinto: A luminação meridional, induzida pela luminação setentrional no zênite, e somente esta condição, de acordo com as observações realizadas até agora, não parece atingir o Sul além de 30°

graus. Nunca vi a luminação meridional atingir completamente o horizonte Sul.

Sexto: É surpreendente observar que a luminação meridional desaparece quando a luminação setentrional recua mais uma vez do zênite para a parte Norte do céu, e que ela retorna regularmente quando a luminação setentrional é, mais uma vez, suficientemente forte para ultrapassar o zênite em direção ao Sul. Este fato parece justificar a suposição de que há DOIS campos de energia em ação, o setentrional e o meridional, que excitam um ao outro até à luminação.

Sétimo: O "anel" nem sempre aparece imediatamente como um anel. Às vezes ele não se forma de modo claro. Em lugar disso, pode-se ver que os dedos setentrionais e meridionais da aurora, no processo de aproximação mútua, entrelaçam-se mais uma vez, fundindo-se e separando-se, fundindo-se mais outra vez. Este processo, às vezes, toma a forma de uma espiral; de outras vezes, um anel bem delineado é formado. Está claro, por este motivo, que o anel é formado por duas correntes de energia luminescente. Quando o entrelaçamento está mais evidente, o interior do anel ou a espiral se torna claramente delineado porque ele não ilumina. Tem-se a impressão que a região central do anel escapa da excitação que, de outro modo, induz o fenômeno da aurora.

Oitavo: Uma vez que a luminação setentrional e a meridional tenham se desenvolvido completamente, os céus oriental e ocidental são geralmente afetados também e começam a luminar até que se vê uma impressionante abóbada dura, algumas vezes, de duas a três horas, principalmente um pouco antes ou depois da meia noite.

Antes de tentar compreender mais esta surpreendente função, apresenta-se uma tabela resumindo as exhibições da aurora que foram cuidadosamente estudadas. O número "R-76" denota o aparecimento de um anel ou de uma espiral. Os sinais + + + indicam por sua quantidade a intensidade aproximada do fenômeno. Uma análise do significado do número 76 será feita mais adiante. R significa simplesmente "Ring" (anel). Nem todas as auroras exibidas entre 1946 e 1950 foram registradas na tabela, pois nem todas foram suficientemente observadas. Todas as notações "R-76" com asterisco repousam em medidas da posição do anel por meio de um compasso estelar de navegador celeste, do tipo usado durante a guerra pelos pilotos noturnos.

(...)

OBSERVAÇÃO DE R-76 NA AURORA BOREAL (1946-1950)

64

<u>Nº</u>	<u>Data</u>	<u>Região de Origem</u>	<u>Forma</u>	<u>R-76</u>	<u>Observações</u>
1.	1946 30 Ago.	Norte	Domo		
			Raias	76-78	
		Sul	Dedo	+++	
2.	1946 31 ago.	Norte	Domo		
			Raias	+++	
		Sul	Dedos		
3.	1946 16 Set.	Norte			
			Raias	+	
		Sul			
4.	1946 17 Set.	Norte			
			Dedos	++	
		Sul			
5.	1949 4 Maio	Norte	Arco		
			Dedos	0	
6.	1949 5 Maio	Norte	Arco		
			Dedos	0	
7.	1949 30 Maio 23h 30'	<u>Oeste-</u>	Faixas	++	Primeira observa- ção de faixas de 0 -- L
	23h 45'	<u>Leste!!</u>	Bruscas		
	1949 5 Junho	De todas as dire- ções.			
8.			Curtina		Somen- te ten- dência, incom- pleta.
9.	1949 1 Set.	Norte	Arco		
			20-30 a cima do horizon te.	0	
10.	1949 23 Set. 21h 45'	Norte	Arco		
			Curtina	0	
11.	1949 14 Out. 21-22 h	Norte	Domo	++	
12.	1949 15 Out. 18-19 h	<u>Leste-</u>	Arco	+++	Pulsação forte; arco se inclina em direção Nor- te; R-76 persis- tente, brilhante; superposição perfeita, espira- lada.
	22-24 h	<u>Oeste</u>			
		Sul	Domo	++++	
	1949	idem			
13.	1949 Out. 27 18h 30'	Norte	Raias	++	
		Leste-Oeste	S/pulsação		

<u>Nº</u>	<u>Data</u>	<u>Região de Origem</u>	<u>Forma</u>	<u>R-76</u>	<u>Observações</u>
	1950		Paralelas		
14.	27 Maio 23h 30' 23h 45'	Oeste- Leste	Faixas	+++	
	1950				
15.	5 Junho 23h 30'	Norte	Curtina	+++	
	1950				
16.	7 Ago. 21h 30'	----	Raias Pulsáteis	+++	
	1950				
17.	5 Set. 22 h.	Norte	Faixas Curtina	0	
	1950				
18.	8 Set. 3 h.	Norte	Raias	0	
	1950				
19.	19 Set. 21h 45'	<u>Leste-</u> <u>Oeste</u>	Faixa Estreita de Leste com o Oeste em R-76+ sem for- mação de ANEL	Encontro de Leste com o Oeste em R-76+ sem for- mação de ANEL	<u>Faixa do Leste</u> ' <u>curvando-se em di</u> <u>reção Norte em re</u> <u>lação ao plano do</u> <u>equador galáctico</u>

CAPÍTULO VII

O significado de R-76

A tabela mostra que todos os fenômenos do anel registrados têm em comum uma posição entre 73 e 78 de altitude. Norte ou, em função do sistema de coordenadas equatorial, cerca de 29 a 33 de declinação Norte. Esta é uma ocorrência precisa de uma função natural. Por este motivo, ela deve ter algum significado funcional definível. Tentemos abordar agora a posição precisa de R-76 numa tentativa de compreendê-lo funcionalmente. O QUE CAUSA O ANEL-76?

Algumas observações são essenciais com relação a aurora exibida em 30 de Maio de 1949. É de grande significado que, em 27 de Maio de 1950, o mesmo tipo de exibição ocorreu exatamente na mesma hora: entre 23h30' e 23h45', com o anel, em ambas as ocasiões, começando a se formar às 23h30'. Em ambas as ocasiões não houve, além disso, exibição ao Norte ou ao Sul. Em ambos os casos, um arco fino, claramente delineado, consistindo de muitas faixas estreitas, luminosas e ininterruptamente curvas, apareceu exatamente na direção Leste-Oeste. O anel, em ambas as ocasiões, foi formado pela aproximação e contato das duas faixas da corrente, uma a partir do Leste, a outra a partir do Oeste, com o centro circular em sua posição usual, R.76. Em nenhum dos casos, o centro do anel se luminou. Ademais, nas duas ocasiões, as faixas de luminação correram paralelas, às vezes fundindo-se, outras vezes separando-se claramente, mas sempre juntas, constituindo uma faixa unitária no sentido Oeste-Leste ininterruptamente arqueada. A segunda exibição deste tipo, em 27 de Maio de 1950, durou cerca de dez minutos mais do que a primeira, a de 30 de Maio de 1949. A cor da aurora era um azul intenso. As faixas Oeste-Leste desapareceram logo após o anel se desfazer.

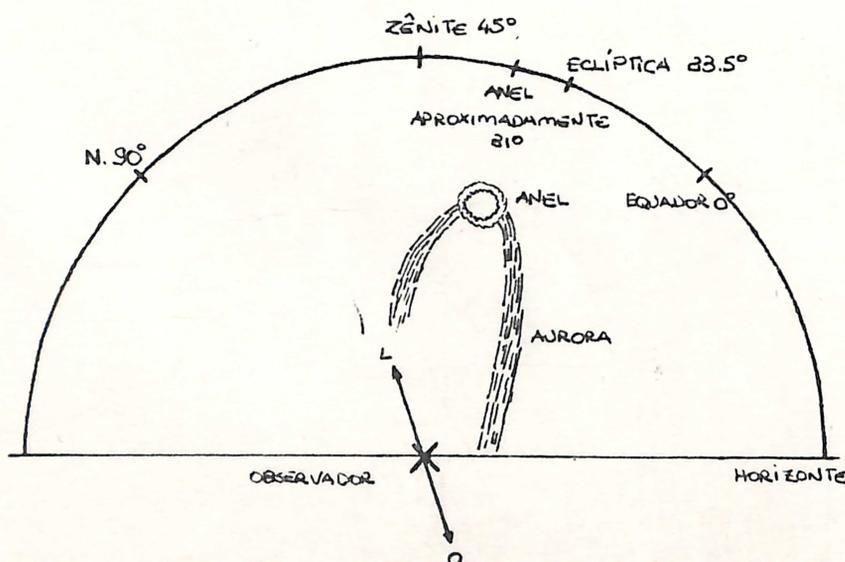


Fig.39. Desenho das faixas Oeste-Leste se encontrando no anel da aurora em 30 de Maio de 1949.

A AURORA EXIBIU EM 15 DE OUTUBRO DE 1949, DAS 18 ÀS 24H30'

Em 15 de Outubro de 1949, por volta das 18h, uma aurora boreal completa, bonita, que começou a desenvolver merece descrição especial. Ela foi precedida por uma exibição incompleta na noite de 14 de Outubro. Os dois fenômenos da aurora foram observados a partir do Observatório de Energia Orgone em Orgonon, perto de Rangeley, Maine.

A aurora de 14 de Outubro de 1941 se desenvolveu no Norte cerca de 21h. Consistia principalmente em correntes luminosas com pulsação pequena; havia, contudo, uma estrutura nitidamente raiada e a tendência a convergir para o zênite. Uma medida da posição do ponto de conversão na região do zênite, 45 N, deu aproximadamente 76 de altitude Norte no sistema coordenado do horizonte. Desde que, em Orgonon, 45 de declinação Norte no sistema equatorial corresponde a 90 de altitude Norte no sistema horizontal, o ponto fictício de conversão das raias luminosas Norte estava localizado, de modo aproximado, exatamente a 31 de declinação Norte: 45 mais 31 de declinação Norte = 76 de altitude Norte.

Na noite seguinte, por volta das 18h, uma aurora mais geral e também mais intensa começou a se desenvolver. Ela começou com uma estreita faixa de luminação com margens iguais e delineadas dirigidas do Oeste para Leste. Entre 18 e 19h, uma região circular de alargamento da faixa Oeste-Leste foi observada. Uma medição imprecisa da posição deste alargamento da faixa deu aproximadamente 78 de altitude Norte, isto é, 33 de declinação Norte. Durante a noite, esta região da faixa luminosa mudou sua forma várias vezes. Às vezes, a parte ocidental da faixa separava-se da parte oriental, juntando-se outra vez após certo tempo. No processo de separação e de reunião, desenvolveu-se uma formação anular quase circular, um disco circular, ou um emaranhamento recíproco semelhante à torção das duas faixas. De qualquer modo, este ponto era o mais lábil de toda a faixa, permanecendo o restante mais ou menos firme durante toda a exibição.

Não havia luminação Norte no começo. Às vezes, podia-se ver a faixa Oeste-Leste curvar-se em direção ao Norte como um todo. Posteriormente, correntes começaram a partir do Sul, a 45 de altitude Norte, bem como a partir do Norte, em direção à região exatamente ao Sul do zênite, que estava localizado de acordo com várias medidas repetidas entre 75 e 78 de altitude Norte, isto é, mais uma vez entre 30 e 33 graus de declinação Norte.

A exibição ganhou intensidade e extensão. Duas horas antes da meia-noite, tinha-se formado uma "abóbada" em todo céu. A abóbada era visível até depois da meia-noite. Estava sempre centralizada na ponta da cúpula em aproximadamente 31 de declinação Norte, numa formação parecida a um anel ou um disco circular. Às vezes, quando as

correntes retrocediam um pouco, ele estava centralizado num ponto de encontro não-luminescente.

Durante as duas últimas horas, pulsações extremamente fortes estenderam-se em largas faixas pulsáteis em direção ao "anel" caracterizado pela exibição, especialmente a partir do Sul, começando em cerca de 22 de altitude Norte, isto é, cerca de 23 ao Sul do plano equatorial.

O anel parece estar, assim, na área de contato entre as duas correntes de energia orgone luminosa, Norte e Sul, ou Oeste e Leste. Ele é o produto de duas funções orgone básicas, e podemos, por este motivo, aplicar a forma organométrica da "criação"¹, que é

$$\begin{array}{ccc} & V_x & \\ N \frown & & \searrow A \\ & V_y & \end{array}$$

N representa a energia orgone cósmica primordial, V o princípio de variação, x e y os dois tipos de variação, e A o produto da superposição de x e y, o anel da aurora. Assim, A é conhecido como o Anel, mas devemos agora tentar compreender a natureza de x e y. Supomos que eles representam as duas correntes de energia orgone separadas. Vamos tentar abordar suas características concretamente.

A REALIDADE DOS SISTEMAS DE PENSAMENTO DE COORDENADAS GALÁCTICAS E EQUATORIAIS

O que se segue surpreenderá o leitor, como sacudiu o observador. Neste caso, a validade objetiva do pensamento humano, se ela segue sequências lógicas, se revelará com perfeita claridade. O pensamento funcional terá de ser reconhecido como uma das raízes básicas da natureza no homem, do mesmo modo que suas raízes emocionais e bioenergéticas no Universo.

A organomia deduziu, a partir da observação e da reflexão sobre o tipo, a direção e a velocidade da energia orgone atmosférica, que aí deve existir um envoltório de energia orgone que não somente envolve o planeta mas também o arrasta, tal como as ondas aquáticas levam uma bola na direção de sua progressão. Com esta conclusão, uma importante visão sobre a natureza do MOTOR do planeta foi encontrada. Sabemos agora porque a Terra gira e se move para frente. Ela está sendo carregada pela CORRENTE DE ENERGIA ORGONE EQUATORIAL. Chame-mos esta corrente de y em nossa equação organométrica. Chamemos, além disso, o anel da aurora de A. Resultam então duas tarefas:

¹ Cf. Orgone Energy Bulletin, Outubro de 1950, "Organometric Equation General Form", pp.161-183.

1. Estabelecer a posição exata do anel com relação à corrente de energia orgone equatorial;

2. Encontrar o significado concreto e qualificar x , o par de y na equação organométrica da "criação".

As medidas da posição do anel da aurora produziram, em média, 76 de altitude Norte no sistema de coordenadas horizontais ou, correspondentemente, 31 de declinação Norte no sistema de coordenadas equatorial da astrofísica clássica.

Desde que, no sistema equatorial, a declinação do plano equatorial é zero(0), obtemos uma função, o "anel", 31 ao Norte do plano onde a corrente de energia orgone equatorial se move.

Se nós substituirmos agora 0 para a corrente de energia orgone equatorial e 31 para o anel, x , que é procurado, deve ter alguma relação com 0 e 31.

Enquanto refletíamos sobre a natureza de x , que representa a segunda função natural desconhecida, que faz par com y , que representa a corrente de energia orgone equatorial e resulta no anel A, o valor 62 (graus) foi encontrado. O valor 31 é a resultante aritmética de 0 e 62, se a última representa os vetores de duas forças iguais.

Além do sistema equatorial e do horizontal, a astronomia usa o sistema eclíptico e o sistema galáctico de coordenadas nos cálculos das posições dos corpos celestes. O sistema equatorial de coordenadas tem o seu eixo x no plano do equador da Terra, prolongando-se na esfera celestial. O sistema horizontal tem seu eixo x no horizonte (variável) do observador (em Orgonon, 45 de declinação Norte). O sistema da eclíptica é orientado em relação ao seu eixo x de acordo com a trajetória (aparente) do Sol entre as estrelas; está inclinado de 23,5 em direção ao plano equatorial.

Em função dos movimentos verdadeiros, isto significa que a Terra gira no seu eixo Norte-Sul no plano equatorial, mas se move no espaço "em torno do Sol" no eclíptico. Deste modo, a Terra e todos os outros planetas não se movem, como se poderia esperar, com relação à direção e momento de sua rotação diária no plano equatorial, mas estão sendo puxados em direção Norte com relação à sua rotação equatorial para o valor de 23,5. Naturalmente, surge a questão: que tipo de forças causa o desvio de 23,5 graus para o Norte além do plano de rotação equatorial diário?

De acordo com conhecidas leis da mecânica, essa força deve existir, pois se não existisse a rotação diária e o movimento para frente (spinning) no espaço teriam de ocorrer no mesmo plano, isto é, no plano equatorial.

Esta questão permaneceu na mente do autor durante muitos anos sem nenhuma resposta em vista. A posição do anel da aurora forneceu a resposta. Sua posição é cerca de 7,5 Norte da eclíptica; assim

ele podia não ser uma função da eclíptica, como originalmente se tentou supor.

O número 62 finalmente resolveu a questão da seguinte maneira.

1. A Via-Láctea é vista na astrofísica como constituindo um plano ao longo da longitude galáctica, o qual está inclinado 62 em relação ao plano equatorial. O grau de inclinação do plano galáctico em relação ao equatorial fornece então o valor concreto (62) que coincide com 31 Norte da posição do anel da aurora. A posição do anel (31) aparece então como o resultante intermediário entre o plano galáctico (Via-Láctea), 62 , e o plano equatorial da Terra com o equador celestial correspondente, 0 . Este é um valor numérico que inevitavelmente nos conduz a importantes conclusões com relação à mecânica celeste. A representação seguinte é um esquema do que acabamos de dizer.

2. Acabamos de realizar uma importante operação de pensamento. SUPERPOMOS DOIS SISTEMAS DE COORDENADAS, O EQUATORIAL E O GALÁCTICO. Isto significa: aplicamos a função da superposição, que é uma função natural concreta, real e observável, às nossas operações mentais. Em astrofísica, os sistemas de coordenadas são somente usados como estruturas imaginárias de referência para medições astronômicas. Não se supõe que nenhuma realidade seja representada por esses sistemas de coordenadas exceto a realidade dada pelo plano da Via-Láctea. Além disso, em astronomia apenas um dos quatro sistemas coordenados é empregado praticamente para determinar a posição de uma estrela nos céus.

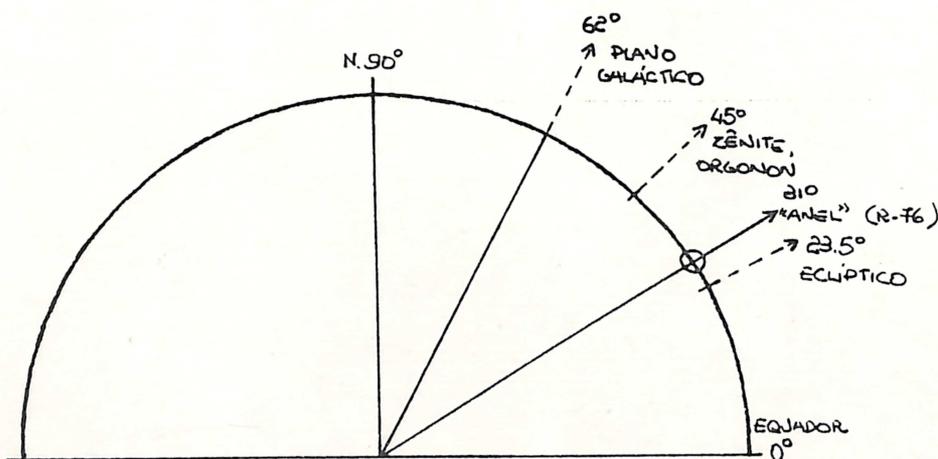


Fig. 40. Esquema retratando o relacionamento angular do "anel" (R-76) com o plano galáctico e o equatorial.

3. Deduzimos uma função natural, o anel da aurora, com relação a sua posição em 31° de declinação Norte, como resultado de duas outras funções naturais que são caracterizadas pelos valores 0 e 62, os planos equatorial e galáctico, respectivamente, como se fossem realidades de duas forças cósmicas. Em resumo, preenchemos os dois sistemas de coordenadas com energia realizando um trabalho concreto na produção de um fenômeno celestial concreto, o anel da aurora. Isto aconteceu durante uma operação mental lógica. A conclusão básica a se extrair é:

A segunda força, x em nossa equação, que faz par com a corrente de energia orgone equatorial, y, resultando no anel da aurora A, é uma corrente de energia orgone no plano galáctico, 62° além da corrente equatorial.

4. Preenchemos todo o espaço da Via-Láctea com energia orgone corrente, e deduzimos a existência de duas correntes orgonóticas dentro do sistema planetário, tendo uma em relação a outra uma inclinação de um ângulo de 62°. A trajetória do Sol na eclíptica, que se desvia do plano equatorial de 23,5°, aparece então como o resultado das correntes de energia orgone galáctica e equatorial, com a última constituindo a força ligeiramente mais forte. Esta conclusão também requer que o plano da longitude galáctica seja real, isto é, não seja somente um círculo girando em torno da esfera celestial que corresponde à Via-Láctea, mas que constitua um plano que gira através do plano de movimento do sistema planetário. A eclíptica seria com isto o resultado de um puxão exercido sobre o sistema planetário pela corrente de energia orgone galáctica, fazendo com que seu curso se desvie do plano equatorial 23,5°.

5. Uma conclusão posterior inevitável é a seguinte:

O envoltório orgone equatorial fornece o motor físico concreto dos planetas. Os planetas giram no eixo Norte-Sul e são levados como bolas rolantes se movimentando para frente em ondas aquáticas, mais devagar do que as ondas. O Sol não "atrai" os planetas. Ele gira no mesmo plano e na mesma direção movendo-se com os planetas na corrente de energia orgone equatorial. A trajetória dos planetas não é nem o círculo copernicano nem a elipse kepleriana. Ela é necessariamente aberta e não fechada, pois há um movimento para frente, no espaço, do Sol e dos planetas que nunca retornam sobre sua própria trajetória. A correlação dos cálculos astrofísicos clássicos, que empregam o círculo e a elipse, com a "trajetória aberta" orgonômica do curso dos planetas se torna agora a principal tarefa da ciência natural. Desde que a trajetória dos planetas é necessariamente uma onda espiralada, a coordenação das observações astrofísicas clássicas e orgonômicas terá de lidar com a integração da elipse kepleriana com a onda espiralada.

De qualquer modo, o MOTOR PRIMEIRO dos corpos celestes foi postulado como sendo o fluxo de energia orgone cósmica. Estamos livres agora da suposição desajeitada de que as esferas giram e se movem para frente num "espaço vazio", isto é, sem nenhuma força física verdadeira responsável pelo movimento dos corpos celestes; com um desvio da eclíptica de 23,5° da direção da força do spin giratório sem nenhuma razão aparente; com o Sol e os planetas se movendo na mesma direção e no mesmo plano sem nenhuma explicação física para este comportamento organizado.

Até este ponto, deduzimos nossas conclusões a partir de uma única função celestial, o anel da aurora, e sua posição em relação aos planos galáctico e equatorial. O restante foi o resultado de operações mentais, não de observações diretas. Apesar de inteiramente consistentes, as conclusões extraídas com relação à mecânica celeste requerem mais provas de observação. A solução da questão do anel da aurora foi um importante exemplo da prova que nos leva numa direção completamente não prevista. Nova prova estava escondida num lugar ainda mais improvável.

O FUNCIONAMENTO DOS FURACÕES

As apresentações seguintes estão baseadas em observações factuais dos furacões, compiladas por Ivan Ray Tannehill, chefe da divisão de relatórios sinópticos e previsão do tempo, do U.S. Weather Bureau, em Washington, D.C. (Hurricanes, Princeton University Press, 1945). A apresentação orgonômica se restringirá àquelas funções de furacões relacionadas com a questão principal desta obra - a existência de duas correntes concretas de energia orgone, a equatorial e a galáctica. Certas funções dos furacões que têm permanecido sem explicação se tornarão compreensíveis deste ponto de vista. Nenhuma tentativa de interpretação do furacão "do ponto de vista da orgonomia" será feita. O autor não crê e desgosta intensamente da "interpretações das funções desconhecidas deste ou daquele ponto de vista". Crê na regra da não abordagem das funções naturais com interpretações, em "deixar a natureza falar", isto é, deixar a integração teórica das várias funções emergirem dos próprios processos naturais. O anel da aurora foi observado durante muitos anos sem nenhuma tentativa de interpretação até que ele revelasse seu segredo. O mesmo é válido para o furacão. Não foi interpretado. Revelou o seu segredo. Espera-se que isto emergja claramente no decurso da apresentação do assunto. O autor gostaria de acrescentar que não é um meteorologista profissional embora tenha estudado as funções do tempo em relação às funções da energia orgone na atmosfera desde 1940.

A emergência do anel da aurora a partir da função da superposição de duas correntes de energia orgone cósmica, que corres-

pondem ao plano equatorial e ao plano galáctico respectivamente, era conhecida em suas características essenciais há muitos anos. A questão era: como provar este relacionamento funcional. Enquanto isto estava sendo empreendido, os aspectos básicos do problema estavam sendo elaborados.

Para estar em concordância com a teoria, qualquer função cósmica nova teria de mostrar claramente a função de superposição, isto é, ser visivelmente a fusão de dois ou mais braços, como na galáxia espiral. Seu movimento teria de ser de natureza espiralada e, finalmente, teria de concordar com a suposta existência de duas correntes cósmicas que se cruzam num ângulo de aproximadamente 62° .

Em 22 de agosto de 1949, um furacão estava em curso fora de Key West, na Flórida. Foi fotografado pelo fotógrafo da marinha K.G.Riley com radarescópio. A fotografia mostrou claramente que o furacão consistia em dois braços que se fundiam num "olho" ou "cerne" (cf. fig.41). Uma análise cuidadosa da foto mostra:

1. dois braços correspondem a duas correntes;
2. aproximação de direção quase opostas;
3. curvatura para dentro das duas correntes, uma em direção à outra;
4. entrelaçamento e fusão em um cerne ou olho; superposição.

Fig. 41. Furacão de 22 de Agosto de 1949.

Fig.42.Furacão de 21 de Setembro de 1948, às 11h31' da manhã (U.S.Naval photograph, No.706634)

A U.S.Naval Air Station, de Kay West, Flórida, nos forneceu gentilmente de seus arquivos uma outra foto de um furacão que se desenvolveu em 21 de Setembro de 1948, e foi fotografado às 11h31' da manhã, ao longo da costa da Flórida (cf.fig.42). A foto do furacão mostra de modo ainda mais claro a aproximação, superposição e fusão de duas correntes, como numa galáxia, formando um cerne com spin no sentido inverso ao do movimento dos ponteiros de um relógio (anti horário).

Fig.43. Furacão de 21 de Setembro de 1948 às 13h (U.S.Naval photograph nº 706635).

Umás duas horas depois, no mesmo dia, às 13 h, uma outra foto do mesmo furacão foi tirada (Nº 706635). A segunda foto mostra os dois braços menos claramente, embora ainda distinguíveis; o "olho" ou "cerne", por outro lado, tinha crescido. A direção do spin é a mesma, isto é, no sentido inverso ao do movimento dos ponteiros de um relógio (antihorário).

Deste modo, uma outra prova de uma função natural composta de duas correntes que se entrelaçam e se superpõem foi conseguida. O furacão é um cataclismo natural devido à superposição e fusão de duas correntes de energia orgone cósmica. O fato de que o furacão consiste em dois braços não é mencionado no livro de Tannehill e parece ser desconhecido na literatura. Se ele fosse mencionado na literatura, ficaria muito contente em corrigir minha afirmação. Retornemos agora a outras importantes características do furacão.

DIREÇÃO DO SPIN E DO MOVIMENTO PARA FRENTE COM RELAÇÃO AOS HEMISFÉRIOS NORTE E SUL

Torna-se perfeitamente claro a partir do sumário de Tannehill que há um preciso comportamento nos movimentos dos furacões com relação a sua origem nos hemisférios Norte e Sul. Tannehill escreve sob o título "A Lei das Tormentas" (p.26,1945):

Nos navios ao mar que passam por ciclones tropicais, as mudanças na direção e força do vento são completamente compreendidas. Um conhecimento da Lei das Tormentas é uma parte essencial da educação dos oficiais de navios. Para o homem da terra que experimenta uma tormenta tropical, a direção de onde o vento sopra, em relação à posição do centro da tormenta, é às vezes intrigante. Após o vento soprar de uma direção geral durante muito tempo, aumentando sua força, segue-se uma calmaria, seguida por um vento

violento do quadrante quase oposto. Isto significa simplesmente que o centro da tormenta passou sobre o lugar. Todavia, é frequentemente dito que a "tormenta voltou". Quando o vento sopra do Nordeste para o Sudoeste, a conclusão é que a tormenta está vindo do Nordeste e se movendo para o Sudoeste. Quanto, então, o vento Sudoeste vem depois da calmaria, a conclusão é que a tormenta voltou e está agora se movendo de Sudoeste para Nordeste. Essas conclusões estão completamente erradas.

É claro que o vento não está "voltando". O navegador passou primeiro por uma das direções do movimento circular do corpo principal da tormenta; depois, após a passagem do calmo olho central, ele passa através da direção oposta do fluxo. Já foi comprovado que os furacões giram (spin) no hemisfério Norte em sentido anti-horário e no hemisfério Sul na direção horária. Que eu saiba, este comportamento preciso ainda não foi explicado; é óbvio que ele é de extrema importância teórica. Funções naturais definidas devem ser responsáveis por ele.

O problema pode ser satisfatoriamente abordado no interior da estrutura do pressuposto orgonômico de duas correntes de energia orgone cósmica que se aproximam, se encontram, se entrelaçam, se superpõem e se fundem. O desenho (fig.44) facilitará a compreensão das diferentes direções do spinning ao Norte e ao Sul do equador.

Suponhamos que os dois braços que constituem um furacão representem as correntes de energia orgone equatorial e galáctica. Seus cursos são então inclinados um em relação ao outro num ângulo de 62°. Não importa no presente contexto se deixamos a corrente galáctica fluir do Sudoeste para o Nordeste ou do Nordeste para o Sudoeste. Com a corrente de energia orgone equatorial em ambos os casos fluindo de Oeste para Leste, o spin de sentido anti-horário no hemisfério Norte e o spin no sentido horário no hemisfério Sul nasce logicamente do encontro destas duas correntes.

O desenho (fig.44) representa a primeira alternativa, o fluxo da corrente galáctica seguindo de Sudoeste para Nordeste com um ângulo de inclinação em relação à corrente equatorial de Oeste para Leste de 62°. Neste caso, a corrente equatorial, antes de chegar ao ponto de cruzamento, será necessariamente atraída para a direção Norte e a corrente galáctica para a direção Oeste. As duas se aproximam e se superporão muitos graus ao Norte do equador e se fundirão num spin de sentido anti-horário. O momentum do spin no sentido anti-horário logo após a fusão quando é mais forte, exercerá uma pressão forçando em direção Oeste. Todo o movimento para frente do furacão será a princípio em direção ao Oeste ou Noroeste, isto é, será dirigido contra a direção geral da corrente equatorial (Oeste -- Leste) e galáctica (Sudoeste -- Nordeste). No entanto, com a progressiva perda do momentum do torque, o furacão terá de ceder à poderosíssima

direção Oeste-Leste do movimento do envoltório orgone da Terra e inverterá sua direção no sentido Oeste-Leste. A inversão, por sua vez, interferirá com a corrente galáctica de sentido Nordeste. Consequentemente, o furacão será assim, no hemisfério Norte, forçado, mais cedo ou mais tarde, numa direção mais ou menos Nordeste.

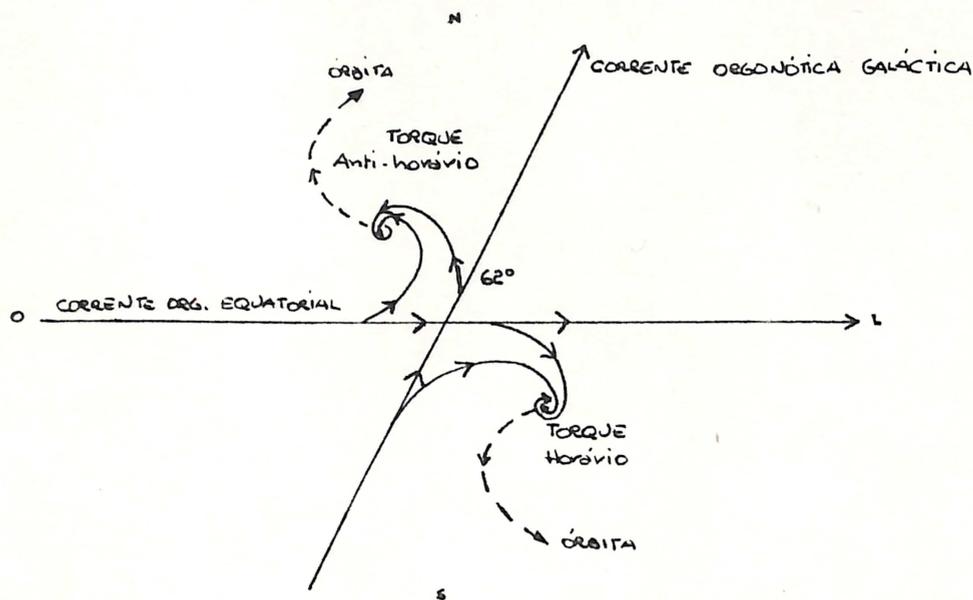


Fig.44. Torque e trajetória dos furacões

Esta explicação da direção original e posterior direção do movimento para frente do furacão, está de acordo com as observações factuais até onde elas têm sido registradas e cartografadas. O diagrama (fig.47), extraído de uma representação de Tannehill, mostrará que há um movimento preciso de muitos furacões no hemisfério Norte, primeiro no sentido Oeste ou Noroeste, de acordo com o momento do spin anti-horário, ao passo que, posteriormente, todo furacão que não passa do Golfo do México para o Texas (continuando na direção do spin) se voltará na direção Nordeste. Uma medida aproximada dos graus médios na volta para o Nordeste produzirá o valor de 60 a 65° quase próximo do ângulo 62° entre o fluxo de energia orgone equatorial e o galáctico.

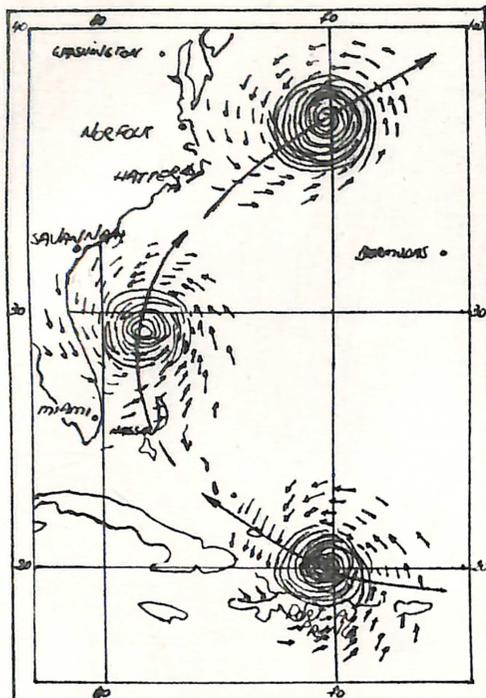


Fig. 45. Trajeto e sentido do vento de um ciclone tropical no hemisfério Norte (Tannehill, Hurricanes, p.5)

Esta hipótese de trabalho parece não concordar com o conceito de que o sistema Solar não é mais do que um diminuto pontinho' na galáxia. Devemos deixar esta discordância para uma discussão mais completa num contexto mais amplo.

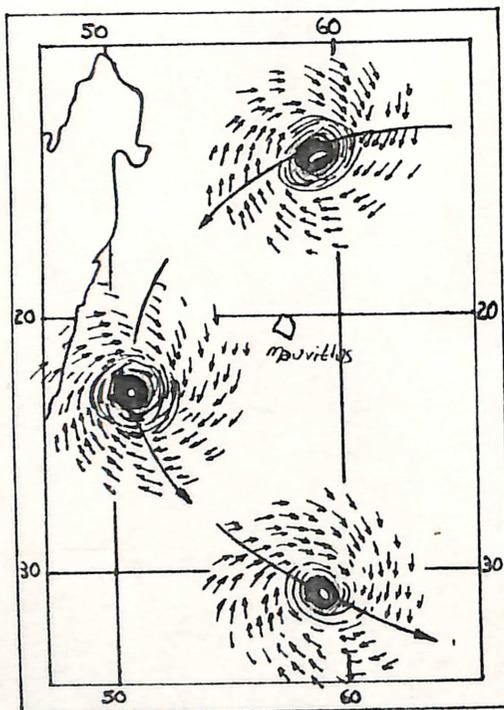


Fig.46. Trajeto e sentido do vento de um ciclone tropical no hemisfério Sul (Tannehill, Hurricanes, p.6)

CONTRADIÇÃO ENTRE A DIREÇÃO DO SPIN E A DIREÇÃO DO MOVIMENTO GERAL

O spin no sentido anti-horário no hemisfério Norte, de acordo com conhecidas leis da mecânica, requer uma trajetória de progressão do furacão, primeiro, na direção Oeste, depois Sudoeste, e finalmente Sul, pois a trajetória se curvaria de acordo com a curva do spin. Mas não é este o caso. O movimento geral está em oposição à força e direção do spin de sentido inverso anti-horário; ele gira em direção Norte e finalmente em direção Nordeste. Isto requer uma força mecânica atuando contra a direção do spin, desviando-se da trajetória numa direção exatamente oposta. No hemisfério Sul também esta contradição se evidencia a partir do registro das trajetórias dos furacões do Sul. Neste caso o spin no sentido horário produziria uma curva da direção leste para Sudeste e finalmente Sul e Oeste. O oposto é factualmente verdadeiro. Os furacões do Sul, como o desenho (fig.44) claramente mostrou, seguem na direção oposta à força do spin.

O desvio no hemisfério Norte para Nordeste pode ser explicado por qualquer uma das tres direções de força oposta à direção do spin: pela corrente orgone galáctica, que segue Norte-Nordeste 62° fora do equador, pela elíptica que segue Nordeste 23,5° Norte, e pelo envoltório orgone equatorial, que segue a direção Leste no plano do equador. No hemisfério Sul, o problema permanece aberto a respeito das direções Sudoeste, Sul e Sudeste. Parece seguro supor que a volta em direção Leste é devido à perda do momento do spin com a predominância final da direção geral da rotação do globo.

A OCORRÊNCIA SAZONAL DE FURACÕES

Um outro problema importante surge com a ocorrência sazonal dos furacões. Ela não pode ser discutida neste contexto, pois os requisitos para sua discussão são muito mais complicados. No entanto, é importante enunciar o problema claramente.

O curso geral de rotação do eixo N-S do globo terrestre, a direção geral da admitida corrente de energia orgone galáctica no plano da Via-Láctea e o resultado das duas, a eclíptica, permanecem as mesmas. Não é, por este motivo compreensível porque os furacões surgem em certos períodos sazonais, e não o ano todo. Deve haver boa razão porque a estação dos furacões no hemisfério Norte dure somente de Maio a Novembro, com um alto pico de frequência em Setembro, enquanto o período de Dezembro à Maio quase não tem furacões no sentido estrito de "tormentas tropicais" (Tannehill).

Pode-se apenas indicar que o problema mencionado é de grande importância em relação à mecânica celeste. Tannehill escreveu a pedido especial, e cito com sua permissão sua resposta de 13 de Fevereiro de 1950:

8

A lista de Poey (o compilador original da ocorrência e frequência de furacões, 1856) incluía alguns furacões entre Dezembro e Junho. Ele listou cinco em Janeiro, sete em Fevereiro, onze em Março, seis em Abril e cinco em Maio. Eu os omiti de minha lista porque há muita razão para acreditar que eles não eram furacões, isto é, tormentas de origem tropical ... Nos últimos cinquenta anos houve algumas tormentas de origem tropical em Maio e, no mínimo, duas alongaram-se até Dezembro, mas não há nenhuma indicação definida de tormentas de origem tropical no Golfo do México e na área do Caribe durante os meses de Janeiro à Abril ...

Baseados em deduções cuidadosas devemos concordar com a distinção de Tannehill entre as tormentas "tropicais" e as outras. Esta distinção, com diferenciação especificamente marcada entre o período sazonal de Maio até Novembro e de Dezembro até Maio, provará ser de importância capital para a compreensão de certas funções da mecânica celeste. Ainda demorará algum tempo para formular todo o conjunto de problemas que surgem num modo heurísticamente válido. No entanto, a função natural da superposição de duas ou mais correntes de energia orgone abriu muitas avenidas para a solução de questões básicas tanto na cosmogonia como na dinâmica celeste.

As investigações seguintes retratam a curva de frequência dos furacões tropicais de Janeiro a Dezembro, totalizando 897 furacões no hemisfério Norte (Atlântico) que ocorreram de 1494 a 1944, compilado das listas de Poey e Tannehill.

Se supomos, como devemos, que os furacões são manifestações concretas de certa dinâmica celeste, a abrupta elevação na frequência de Junho ao pico em Agosto e Setembro deveria ser cuidadosamente estudada. Por ora, esta exposição deve ser suficiente. A tabela foi compilada pelo autor a partir do material publicado em Hurricanes de Tannehill.

É também significativo que o pico médio da atividade dos furacões incida no mes de Setembro. Setembro é o período quando a eclíptica, a verdadeira trajetória do movimento celeste, se aproxima e cruza o plano do equador de Norte a Sul no equinócio de Outono.

Se nossa suposição que a eclíptica representa a resultante factual, astrofísica das correntes de energia orgone equatorial e galáctica está correta, o encontro no equinócio de Outono é expressado concretamente na abrupta elevação na incidência de furacões. Outonais. A próxima frequência mais alta incide apropriadamente em Agosto, quando a eclíptica se aproxima do equinócio de Outono partindo do afélio em Junho, o mes de mais baixa atividade sazonal dos furacões.

Devemos, portanto, supor que:

1. Todo planeta possui um envoltório de energia orgone semelhante a disco que gira mais rápido do que o globo.
2. Todos os planetas se movem numa corrente orgone galáctica comum, coordenada no tempo e plano do movimento geral.
3. As funções celestiais como os ciclos das manchas sola-

res, as auroras boreais, furacões, marés, os principais fenômenos meteorológicos, etc., são expressões imediatas de uma ação recíproca de duas ou mais correntes de energia orgone cósmica.

O leitor compreende que muito pode se esperar da posterior elaboração desta base de raciocínios astrofísicos. Aqui, o caminho da investigação conduz diretamente a uma reconstrução dos movimentos planetários em termos de trajetórias abertas, espiraladas, que se aproximam e se afastam mutuamente, e não mais em termos das curvas elípticas fechadas.

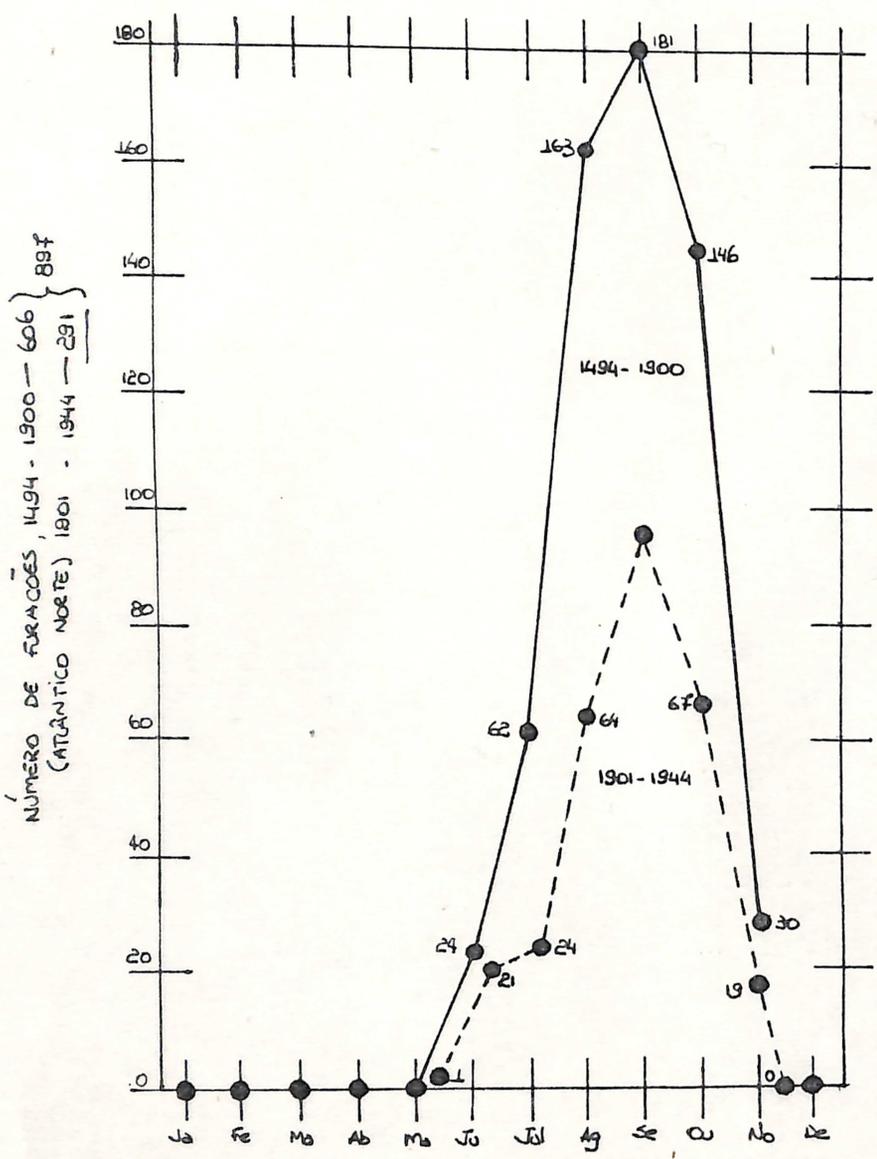


Fig. 48. Curva de frequência dos furacões tropicais de Janeiro a Dezembro.

SUPERPOSIÇÃO GRAVITACIONAL

Qualquer tentativa de uma teoria orgonômica da gravitação deve proceder de princípios funcionais e não mecânicos. 1º, te-

remos de abandonar a visão absoluta e eterna da gravitação e substituí-la por uma visão genética, de acordo com a qual as leis naturais básicas estão sendo criadas e desaparecendo mais uma vez como fazem todas as outras funções naturais. De acordo com esta visão, a gravitação das massas inertes em direção umas às outras deve ter surgido com a criação da massa a partir da energia cósmica primordial livre de massa. Segundo, desfazer-se-á da gravitação mecânica da física clássica, não por abstrações matemáticas, mas pela observação mais precisa possível das verdadeiras funções gravitacionais.

É espantoso testemunhar a emergência de novos insights a partir da mudança em princípios teóricos. O princípio funcional da superposição facilmente se aplica à função da gravitação da seguinte maneira:

A aparência dos corpos caindo livremente engana o observador levando a acreditar que uma maçã, por exemplo, cai verticalmente em direção ao centro da Terra. Isto é verdadeiro somente com relação ao relacionamento terra - maçã. Se, no entanto, substituirmos este relacionamento imediato de duas variáveis pelo PFC (o fluxo de energia orgone) da terra e da maçã, vemos que a maçã na verdade não cai verticalmente e, além disso, que nunca alcança o centro da terra e nunca alcançará, mesmo que a substância da terra permitisse a penetração em direção ao centro. Isto é demonstrado pelo comportamento da Lua com relação à Terra. De acordo com Newton, a Lua parece estar caindo como uma maçã em direção ao centro da Terra. E os cálculos matemáticos corroboram esta afirmação. Contudo, a Lua nunca atinge a superfície da Terra. Deste modo, existe uma lacuna entre a teoria e a aparência. A introdução de uma força centrífuga que equilibra a queda centrípeta não abole a lacuna. Somente complica mais ao introduzir um dado novo e desconhecido.

Sigamos os movimentos da Lua e da Terra com relação ao seu PFC, o fluxo do oceano orgone cósmico. Estamos, pois, na posição de integrar a aparência com a teoria da gravitação de massa.

O desenho (cf. fig. 49) mostra o inter-relacionamento factual. A Lua e a Terra se movem em spin no espaço, com suas respectivas trajetórias abertas (não fechadas) se aproximando e se separando. Por este motivo, não são as massas gravitacionais que se encontram, mas a TRAJETÓRIA das massas gravitacionais.

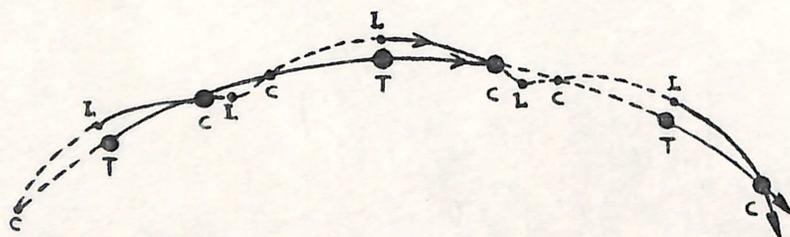


Fig. 49. "Lua (L) 'cai' em direção ao centro (C) da Terra (T)". Superposição gravitacional das trajetórias da Lua e da Terra.

8

A Lua não "gira" em torno da Terra", desde que as linhas dos movimentos são curvas abertas, espiraladas. A Lua não atinge o centro da Terra. Mas ela atinge realmente um ponto no espaço onde o centro da Terra esteve ou estará mais cedo ou mais tarde.

O fluxo de energia orgone cósmica que leva com ele a Lua e a Terra na mesma direção, no mesmo plano, e em perfeita coordenação de suas velocidades, é o verdadeiro agente da queda livre gravitacional. É com referência ao PFC funcional da Terra e da Lua, a corrente de energia orgone, que as afirmações de outro modo contraditórias sobre a gravitação dos corpos celestes provam ser verdadeiras:

1. A Lua na verdade cai em direção ao centro da Terra. Mas é também verdade que o verdadeiro centro material da Terra não está mais no lugar onde, naquele momento específico, o centro da Lua o atravessa em seu giro "em torno" da Terra.

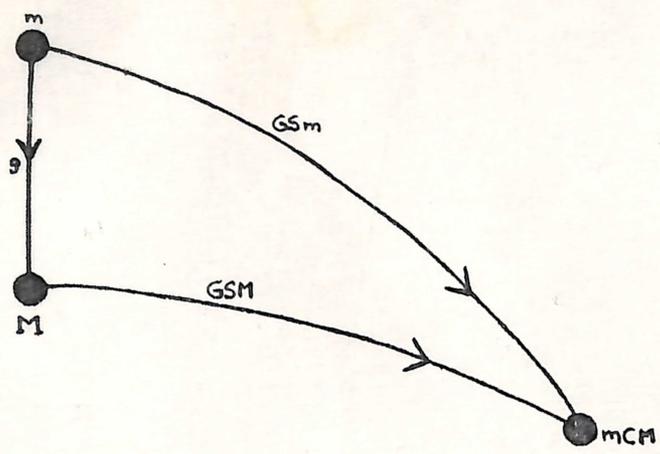
2. É aparentemente verdade que há uma "ATRAÇÃO" exercida pela Terra sobre os corpos que caem. Mas funcionalmente, isto não é devido a uma atração da massa inerte da Terra - a qual nunca pôde ser demonstrada; é devido ao movimento convergente primordial de duas correntes de energia orgone. Isso já foi demonstrado em relação à formação das galáxias. A gravitação como uma função de correntes convergentes da energia primordial é fortemente sugerida pela função natural básica da SUPERPOSIÇÃO de duas correntes orgonóticas. Deste modo, é mais uma vez o PFC, a corrente de energia orgone cósmica, que responde pela "atração gravitacional".

3. É também verdade que a real queda da Lua em direção ao centro da Terra é anulada por uma força igual agindo em direção oposta, resultando num movimento aparentemente circular em torno do centro da Terra. A Lua nunca atinge o verdadeiro centro da Terra, mas atinge o centro virtual ou, em outras palavras, o ponto no espaço onde o centro da Terra esteve há pouco ou estará daqui há pouco.

É fascinante estudar essas funções da natureza enquanto estão refletidas na mente inquiridora do homem, sendo verdadeiras e não-verdadeiras ao mesmo tempo, dependendo do ponto de vista aplicado ao caso específico.

Resumindo:

A função da gravitação é real. Ela é, contudo, não o resultado da atração de massa mas dos movimentos convergentes de duas correntes de energia orgone. A partir dessas correntes convergentes emergiram um dia as massas de "atração" e de "gravitação" e elas ainda são levadas no Universo pelas mesmas correntes num modo integrado e unitário, expresso na direção comum do movimento, seu plano comum de movimento, na aproximação recíproca de seus centros, e na velocidade reciprocamente coordenada de seu movimento espiralado (cf. fig. 50.).



m, M duas massas gravitando
 g gravitação aparente
 GSm, GSM gravitação VERDADEIRA por meio da
 SUPERPOSIÇÃO de CORRENTES DE ENER-
 GIA ORGONE (TRAJETÓRIA)
 mCM m aparentemente no CENTRO de M

Fig.50. Superposição gravitacional

Isto parece fornecer uma sólida estrutura para as ativi-
 dades de trabalho para a elaboração futura, detalhada, e a definição
 numérica dos movimentos planetários. A hipótese da gravitação como
 uma função da superposição das correntes de energia orgone bem mere-
 ce muita atenção, combinada com extremo cuidado e estrito escrutínio
 factual de sua veracidade.